

(48)

PROBLEMAS EMOCIONAIS DE CRIANÇAS CUJO RENDIMENTO NÃO CORRESPONDE AO
SEU NÍVEL DE INTELIGÊNCIA (1)

Prof. Henry Cley Lindgren, São Francisco State College e Maria Jorgiza Mello, Professora da Escola de Aplicação do Centro Regional de Pesquisas Educacionais em Salvador, Bahia, Brasil.

I N T R O D U Ç Ã O

Este estudo surgiu de um projeto que tinha por objetivo elaborar instrumentos que pudessem ser usados para estudar problemas emocionais associados com o baixo rendimento, nas escolas brasileiras. A suposição básica do estudo foi a de que no Brasil, como nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar, problemas relacionados com ajustamento emocional e social poderiam ser um fator significativo, e ao mesmo tempo negativo, no sucesso escolar.

Os pesquisadores têm descoberto por exemplo que é mais provável que o baixo rendimento no trabalho escolar esteja ligado aos problemas de ajustamento, do que o rendimento satisfatório ou o alto, (1, 2, 3, 4, 5) e que a presença de problemas de ajustamento tende a interferir com o sucesso acadêmico (6, 7, 8, 9, 10). Assim foi levantada a hipótese de que uma investigação dos problemas de escolares brasileiros demonstraria que estudantes com baixo rendimento escolar teriam mais problemas que os do alto rendimento.

M É T O D O

A amostra selecionada para este estudo foi constituída por duas classes de 4º ano primário, localizadas em uma escola na cidade de S. Paulo, cujos alunos provêm na sua maioria de famílias de classe baixa superior e média inferior. O pai da

criança média, na amostra, tinha um certo grau de educação secundária e a mãe, educação primária incompleta. As crianças foram submetidas previamente a duas formas de um teste experimental de inteligência, apresentada mais amplamente por Lindgren e Guedes (11). Foi selecionado, de cada classe, um grupo de alunos, constituído pelas crianças que obtiveram escores abaixo da mediana, nas duas formas combinadas do teste de inteligência e estavam com os resultados acima da mediana, nas notas dadas durante o ano pelas professoras. Convencionou-se chamar este grupo de alto rendimento. O grupo de crianças de baixo rendimento, ao contrário, era constituído de crianças cujos escores nas duas formas combinadas do teste de inteligência estavam acima da mediana, e nas notas escolares abaixo da mediana. De uma classe constituída de 54 crianças, 8 correspondiam ao grupo de alto rendimento (3 meninos e 5 meninas) e 7 ao de baixo rendimento (5 meninos e 2 meninas). A outra com 48 crianças, incluía 8 de alto rendimento (2 meninos e 6 meninas) e 7 de baixo rendimento (3 meninos e 4 meninas). Desde que não havia diferenças significantes quanto ao nível educacional dos pais das crianças de ambos os grupos, ficou estabelecido que para todo e qualquer propósito, os dois grupos poderiam ser considerados aproximadamente iguais quanto a esta variável e provavelmente também quanto ao status sócio-econômico.

Dois instrumentos foram usados para reunir dados a respeito de problemas emocionais. Um consistia de 106 itens (2) de uma tradução do Inventário de Ajustamento de Bell, para adolescentes, traduzido para o português e adaptado para ser aplicado a preadolescentes, deste nível social. Este teste foi se-

leccionado em parte por causa da facilidade de já se contar com a tradução feita para o português e também por causa de suas 4 subescalas que permitiam classificação dos problemas nas áreas: lar, saúde, social e emocional. Entretanto admitiu-se que a natureza óbvia de muitos dos itens do inventário de Bell poderiam levar os estudantes a cometer fraudes, conscientemente ou inconscientemente. Um segundo instrumento foi consequentemente construído para servir como um controle parcial. Este instrumento constava de 30 sentenças para as crianças completarem à vontade. (referido daqui em diante como SCT). Esperava-se que o SCT servisse em parte como uma prova dos resultados obtidos no teste de Bell e em parte como um meio de reunir informações adicionais referentes a problemas e fatores de personalidade, associados com alto e baixo rendimento escolar.

O Inventário de Bell foi corrigido de acordo com a chave do teste original, consequentemente, produzindo resultados correlacionados positivamente com ajustamento. Os escores do SCT foram obtidos classificando-se a complementação das sentenças segundo uma destas 4 características: **A**gressividade ou **H**ostilidade, Aceitação, Ansiedade e Neutralidade, (nestas as que não pudessem ser classificadas) seguindo um método usado por Lindgren e Lindgren, (12) na classificação da complementação de sentenças de professores e administradores escolares, no Canadá e na Califórnia. O fundamento deste método, por sua vez, baseia-se numa formulação de Karen Horney, a qual sugere que as necessidades humanas, relativas ao ambiente, podem ser classificadas de três maneiras: contra a (agressividade ou hostilidade), para a (aceitação) e fuga de (medo ou ansiedade).

As respostas do SCT foram classificadas independentemente por 3 juizes. As médias das correlações entre os juizes foram as seguintes: Agressividade-hostilidade: 0,51, Aceitação; 0,81, e Ansiedade: 0,58. As correlações mais baixas para Agressividade-hostilidade e Ansiedade foram provavelmente afetadas pela restrição na amplitude destas características, desde que as médias dos escores médios de cada juiz para as três características foram: Agressividade-hostilidade, 2,8. Aceitação 14,9 e Ansiedade 4,9. Os resultados estatísticos relacionados nas Tabelas 1 e 2 são baseados nas somas dos resultados das classificações dos juizes.

As correlações entre as partes dos 2 questionários estão apresentadas na Tabela nº 1. As intercorrelações dos itens do inventário de Bell são todas altas e positivas como é característico em inventários deste tipo. As correlações entre estes itens e os do SCT estão na direção esperada. Isto é especialmente certo quanto ao resultado de Ansiedade no SCT que está negativa e significativamente correlacionado com todos os itens do Inventário de Bell, menos um. Os resultados de Aceitação no SCT estão, como era de se esperar, positivamente correlacionados com as 4 subescalas e o escore total do inventário de Bell, embora somente as correlações com os itens de ajustamento no Lar e Saúde apresentem significância estatística. Contudo o resultado do item Agressividade-hostilidade parece ter muito pouca relação com os do inventário de Bell. As intercorrelações entre os três itens do SCT estão também na direção esperada. As partes Agressividade-hostilidade e Ansiedade aparentam estar relativamente independente uma do outro, porém estão correlacionados negativamente com a par-

te de aceitação.

R E S U L T A D O S

A comparação dos escores médios, das crianças de alto e baixo rendimento, apresentados na Tabela 2, não concorda com a hipótese levantada; ao contrário, sugere até que o inverso da mesma é mais defensável. Os de alto rendimento apresentam as médias de escores mais baixas, (significando um maior número de problemas de ajustamento) em todos os itens do inventário de Bell, e as diferenças entre as médias referentes à Saúde, Ajustamento Emocional e o Total apresentam significância ao nível de 5%. Além disso, os resultados referentes aos itens que medem Agressividade-hostilidade e Ansiedade no SGT para os de alto rendimento são mais altos e o item de Aceitação aí é inferior aos de baixo rendimento, embora as diferenças não atinjam o mesmo nível de significância.

Comparando as respostas dadas pelas crianças de alto e baixo rendimento, por sexo, vemos que as meninas de alto rendimento têm mais problemas de ajustamento que os meninos deste grupo. Os meninos de alto rendimento apresentam respostas mais fracas que os meninos de baixo rendimento em 58 por cento dos itens do Inventário de Bell, enquanto as meninas de alto rendimento tiveram respostas mais fracas que as meninas de baixo rendimento em 75 por cento dos itens. Quando foram identificados os itens que discriminaram entre os dois grupos em cada sexo, ao nível de 10% ou melhor, verificou-se que os meninos de alto rendimento tiveram respostas piores que os de baixo rendimento, em apenas 9 dos 20 itens, enquanto as meninas de alto rendimento tiveram respostas mais fracas que as meninas de baixo rendimento em 14 dos 16 itens. Com referência a estes itens, a área de maior dificuldade para os membros de ambos os sexos, foi a referente ao ajustamento em saúde, com predominância de problemas psicosomáticos (males do aparelho respiratório, perturbações digestivas ou distúrbios idênticos).

DISCUSSÃO

Considerando que a amostra usada no presente estudo é limitada somente a duas classes de uma mesma escola, é claro que os resultados aqui apresentados não podem ser generalizados para todas as escolas brasileiras. Entretanto, resultados que se apresentam em sentido oposto aos já encontrados em outros estudos merecem alguma explicação.

Uma possível explicação é que as crianças de grupo de alto rendimento, na realidade, tenham menos problemas que as do grupo de baixo rendimento, porém, sejam mais honestas em declará-los. Entretanto as correlações moderadas, porém significantes, entre o Inventário de Bell e partes do SCT, que se espera seja menos afetado por fraudes, por ser um teste projetivo, contradizem até certo ponto esta possibilidade.

Uma outra possibilidade é que o grupo de alto rendimento realmente tenha mais problemas que o de baixo rendimento, porém que sejam problemas de tal espécie que não interfiram no rendimento escolar e possam realmente encorajar a aprendizagem ou dar um impulso para uma aprendizagem superior. Tal interpretação é de alguma forma coerente com as descobertas feitas por Sheldon e Eleanor Glueck(14) numa amostra de 500 não delinquentes, os quais relacionaram mais problemas emocionais que um grupo, com o mesmo número de delinquentes. Uma vez que nos seus estudos, os não delinquentes apresentaram um maior progresso na escola, que os delinquentes, poder-se-ia supor que uma análise de seus dados mostrar-nos-ia uma correlação positiva entre o número de problemas emocionais relacionados com o sucesso na escola. Uma analogia ulterior, entre o estudo acima citado e o presente, é o fato de que as populações, das quais as amostras foram tiradas, eram da categoria sócio-econômica baixa.

Ainda uma outra explicação possivelmente relacionada é: talvez o sucesso escolar não ocupe uma posição central na cultura brasileira como acontece nos Estados Unidos. O ajustamen-

to à escola e os seus problemas são para a criança norteamericana a chave de outros ajustamentos. A criança que é bem sucedida na escola está funcionando mais consistentemente com os valores e expectativas de sua cultura que a que tem pouco sucesso. Portanto, a relação entre os problemas emocionais e o sucesso na escola tende a ser, nos Estados Unidos, uma relação recíproca. A criança que tem problemas na escola tende a ter também outros problemas e os problemas que ocorrem fora da escola, criam ou agravam os problemas na sala de aula. A observação dos autores sugere a possibilidade de que pode haver no Brasil uma norma cultural, provavelmente mais característica das crianças de classe mais desfavorecida, a qual é caracterizada por atitudes de agrado, baixo nível de hostilidade e ansiedade e a falta de um impulso agressivo para realizar e competir acadêmicamente. Supondo que estas observações são geralmente válidas e que há uma tal norma, então, resulta daí que a criança de classe mais baixa, que luta e compete acadêmicamente, se desvia desta norma e, como indivíduos de outras culturas que também se desviam de normas bem estabelecidas, é mais provável que tenham distúrbios de natureza psicológica, tanto externos como internos, mais ansiedades e experimentem relações mais pobres com seus companheiros do que as crianças que se adaptam às normas de conduta.

Esta hipótese apoia-se, é claro, numa base um pouco fraca: o resultado de um estudo levado a efeito em duas classes em uma escola brasileira. Contudo, se outra pesquisa sustentar essa hipótese, isto poderá ter alguma implicação importante para aqueles que planejam programas educacionais em países sub-desenvolvidos. Uma destas é: não é seguro presumir-se que a expansão de facilidades será acompanhada por um aumento correspondente na frequência escolar e realização educacional. O fato de que as pessoas estejam desejosas de possuir as vantagens que advêm de membros de sociedades mais desenvolvidas, não deveria ser tomado no sentido de que eles desejam pagar ou mesmo que estejam cientes que devem pagar o preço de tais vantagens, um preço que é medido em termos de melhor escolarização e realiza-

ção educacional. Mesmo o desejo de pagar êste preço deve ser acompanhado pela vontade de desenvolver um conjunto inteiramente novo de atitudes e valores orientados para o próprio progresso através da educação.

Os resultados apresentados neste estudo mesmo fracos quanto podem ser, contudo, sugerem uma necessidade de ser cauteloso quanto a transferência para outras culturas de conceitos que são fundamentais para a interpretação de conduta humana nos contextos norteamericanos. Na América do Norte é um princípio razoavelmente bom, se presumir que as crianças de baixo rendimento geralmente têm mais problemas, tanto de ajustamento emocional como social que os de bom rendimento e o sucesso em programas de aconselhamento e saúde mental é baseado em parte na validade daquela suposição (15, 16). Porém, os resultados deste estudo sugerem que tal suposição pode não ser válida nas escolas brasileiras. De fato, os resultados sugerem, ao contrário, que as tentativas de promover, mais altos níveis de rendimento escolar por parte das crianças brasileiras, pelo menos entre as dos grupos de níveis sócio-econômicos mais baixos, poderiam resultar em um aumento de problemas emocionais. Isto não significa que as tentativas para elevar o nível educacional desses grupos devesse ser abandonado por esse motivo, mas, significa que aqueles que tentam melhorar a frequência a escola e rendimento educacional devem ser alertados sobre as possibilidades de um aumento no número de problemas de saúde mental e devem ser preparados para enfrentá-los. (3)

Se alguma das hipóteses e implicações sugeridas nas discussões acima são válidas, devem ser verificadas. Porém, qualquer interpretação dos resultados relatados neste estudo deve ser comparado com estudos semelhantes, de outras populações escolares no Brasil e em outros países, com as mesmas condições de desenvolvimento.

S U M Á R I O

Uma tradução do Inventário de Ajustamento de Bell e um teste de Complementação de Sentenças com 30 itens, foram usa

dos para medir os problemas de ajustamento, de 16 crianças de alto rendimento e 14 de baixo rendimento, em duas classes elementares, de 4.º ano em São Paulo, Brasil. Ao contrário da hipótese que havia sido levantada, as crianças de alto rendimento demonstraram apresentar significativamente mais problemas de ajustamento que as de baixo rendimento, particularmente nas áreas de ajustamento Emocional e aspectos de Saúde, do Inventário de Bell. Estas diferenças entre os dois grupos foram mais acentuadas pelas meninas que pelos meninos. Isto nos sugere que diferenças de cultura podem explicar os resultados inesperados e que tais diferenças deveriam ser levadas em conta por aqueles que planejam ampliar programas educacionais para países subdesenvolvidos.

TABELA Nº 1

Correlação entre os vários itens da Graduação de Bell e os de Complementação de sentenças em 82 escolares brasileiros.

- Inventário Ajustamento Bell	2	3	4	6	7	8
1. Ajustamento no Lar	61***	62***	67***	06	36***	-30**
2. " Saúde		41***	58***	00	25*	-31**
3. " Social			65***	09	15	-24*
4. " Emocional				-03	12	-20
5. Total				00	20	-35***
- Complementação de sentenças						
6. Agressividade-hostilidade					-44***	02
7. Aceitação						*18***
8. Ansiedade						—

*** p .001

** p .01

* p .05

TABELA Nº 2

Diferenças entre os grupos de alto rendimento e baixo rendimento sobre parte do Inventário de Bell e um teste de complementação de Sentenças.

- Inv. de Ajustamento de Bell		Underacsh	D _M
	(N.16)	(N.14)	
Ajustamento no lar	15,38	17,20	1,82
" Saúde	18,36	22,36	4,00*
" Social	10,12	11,78	1,66
" Emocional	13,00	18,08	5,08*
Total	57,35	68,70	11,35*
- Complementação de Sentenças			
Agressividade-hostilidade	8,50	7,07	1,43
Aceitação	41,40	46,55	5,15
Ansiedade	15,76	14,20	1,56

* p .05

REFERÊNCIAS

1. Easton, J. Some personality traits of underachieving and achieving High School students of superior ability. Bull. Haritime Psychol , Ass., 1959 (Apr.), 8, 34-39.
2. Shaw, M.C., & Grubb, J. Hostility and able high school under achievers. J. couns. Psychol., 1958, 5, 263-266.
3. Shaw, M.C., Edeon, Ko., & Bell, H .M. The self-concept of bright underachieving high school students as revealed by on adjective check list. Personnel Guide., J., 1960. 39. 193-196
4. Fliegler, L. A. Understanding the underachieving gifted child. Psychol. Dep., 1957. 3. 533-536.
5. Morrow, W.R., & Wilson, S.C. Family relationship of bright highachieving and underachieving high school boys. Child Developm., 1961 32, 501-510.
6. Semler, I.J. Relationship among several measures of pupil adjustment. J. Educ. Psychol., 1960. 51, 60-64
7. Selzinger, K. Academic achievement in a group of mentally disturbed adolescents in a residential treatment setting. J. genet Psychol., 1957, 90. 239-253.
8. Armstrong, R.D. Reading success and personal growth. Reading Teach., 1958 (Oct), 12, 19-23.
9. Richardson, H.M., & Surko, R.F. WISC scores and status in reading and arithmetic of delinquent Children. J. genet Psychol., 1956, 89, 251-262.
10. Kitano, H.J.L. Refusals and illegibilities in the spelling errors of smeladjusted children. J. educ. Psychol., 1959, 50, 129-131.
11. Lindgren, H.C., & Guedes, H. de A. Social status, intelligence, and educational achievement among elementary and secondary students in São Paulo, Brazil. J. sec. Psychol. (In press)

12. Lindgren, H.C., & Lindgren, F., Expressed attitudes of American and Canadian teachers toward authority. Psychol. Rep., 1960, 7. 51-54.
13. Horney, K., Our inner conflicts. New York: Norton, 1945.
14. Glueck, S. and E. Unraveling juvenile delinquency. New York: Commonwealth Fund, 1950.
15. Rothney, J.W.M. Guidance practices and results. New York, Harper, 1958.
16. Trione, V. One hundred eighty cases. A follow-up by a rural school psychologist. Calif. J. educ. Res., 1958, 9, 86-90 .

* * * * *

EMOTIONAL PROBLEMS OF OVER- AND UNDERACHIEVING CHILDREN IN A BRAZILIAN ELEMENTARY SCHOOL*¹

San Francisco State College; and Demonstration School, Regional Center for Educational Research, Salvador-Bahia, Brazil

HENRY CLAY LINDGREN AND MARIA JORGIZA MELLO

A. INTRODUCTION

This study grew out of a project for developing instruments that could be used to study emotional problems associated with underachievement in Brazilian schools. The assumption underlying the study was that in Brazil, as in the United States and elsewhere, emotional and social adjustment is a significant negative factor in school success. Researchers have found, for example, that underachievement in school work is more likely to be associated with adjustment problems than is satisfactory or high achievement (2, 3, 9, 14, 15), and that adjustment problems interfere with academic success (1, 6, 10, 12, 13). It was hypothesized that a survey of the problems of Brazilian school children would show that underachievers have more problems than overachievers.

B. METHOD

The sample selected for study consisted of two fourth-year elementary classes located in a São Paulo school that draws most of its pupils from upper-lower-class and lower-middle-class families. The father of the modal child in the sample had received some secondary education (about the equivalent of junior-high school), and the mother had received some primary education. Previously the children had taken two forms of an experimental intelligence test, described more fully by Lindgren and Guedes (7). From each class, the authors selected a group of overachievers who scored below the median of their class on the combined scores of the two intelligence tests and above the median of the school marks assigned by their teacher. One class consisted of 34 children, including eight overachievers (three boys and five girls) and seven underachievers (five boys and two girls). The other class consisted of 48 children, including eight overachievers (two boys and six girls) and seven

* Received in the Editorial Office on March 22, 1963. Copyright, 1965, by The Journal Press.

¹ This study was conducted at Alberto Tôrres School in São Paulo, when both authors were associated with the First Seminar for the Training of Educational Research Workers, a joint project of UNESCO and the Brazilian National Institute of Pedagogical Studies, at the Regional Center for Educational Research in São Paulo.

underachievers (three boys and four girls). Inasmuch as there were no significant differences in the educational level of the parents of the overachievers and of the underachievers, it was assumed that (for all intents and purposes) the two groups could be considered as approximately equal with regard to this variable and probably also with respect to socioeconomic status.

Two instruments were used to gather data on emotional problems. One was a 106-item² version of the Bell Adjustment Inventory for adolescents that had been translated into Portuguese and adapted for use with children in the pre-adolescent stage of development and at that social-class level. This test was selected partly because of the availability of a Portuguese version and partly because its four subscales permit classification of problems in terms of home, health, social, and emotional adjustment. It was recognized, however, that the obvious nature of most of the Bell Adjustment Inventory items might permit or encourage conscious or unconscious faking. Therefore, a second instrument was constructed to serve as a partial control. It was a 30-item sentence-completion test (SCT). It was hoped that, in addition to serving as a check on the results obtained with the Bell Adjustment Inventory, it would provide further information on the problems and personality factors associated with over- and underachievement.

The Bell Adjustment Inventory was scored in accord with the key provided with the original scale and thus produced scores correlated positively with adjustment. The SCT was scored by classifying sentence completions in one of four ways: as "aggressive" (or "hostile"), as "accepting," as "anxious," or as "neutral" (or otherwise unclassifiable)—following a method used by Lindgren and Lindgren (8) in classifying the sentence completions of teachers and school administrators in Canada and California. The rationale of the method was based on a formulation by Karen Horney (5), who has suggested that human needs relative to the environment may be classified in three ways: against (hostile), toward (accepting), and away from (fearful or anxious).

SCT responses were classified independently by three judges. The means of interjudge correlations were as follows: aggressive-hostile, .51; accepting, .81; and anxious, .58. The lower correlations for aggressive-hostile and anxiety very likely were affected by restriction in range, inasmuch as the means of each judge's mean scores for the three categories were aggressive-hostile, 2.8; accepting, 14.9; and anxious, 4.9. The statistics reported in Tables 1 and 2 are based on the summed scores of the judges' ratings.

The correlations between the part scores of the Bell Adjustment Inventory

² Two of the items turned out to be unscorable. Results are based on the remaining 104 items.

and SCT are presented in Table 1. The intercorrelations of the Bell scales are high and positive, as is characteristic of questionnaires of this type. The correlations between the part scores of the SCT and those of the Bell also tend in the expected direction. This is especially true of the SCT Anxiety scale, which scale is negatively and significantly correlated with all but one of the scales of the Bell Adjustment Inventory. As expected, the SCT Acceptance score is positively correlated with the four scales and with the total score of the Bell, although only the correlations with the Home Adjustment and with the Health Adjustment scales are statistically significant. However, the

TABLE 1
CORRELATIONS AMONG PART SCORES OF A PORTUGUESE VERSION OF THE ADJUSTMENT
INVENTORY AND PART SCORES OF A SENTENCE-COMPLETION TEST FOR 82 BRAZILIAN
ELEMENTARY-SCHOOL CHILDREN

Scale	Scale						
	1	2	3	4	5	6	7
<i>The Adjustment Inventory</i>							
1. Home adjustment							
2. Health adjustment	.61***						
3. Social adjustment	.62***	.41***					
4. Emotional adjustment	.67***	.58***	.65***				
5. Total score							
<i>Sentence-Completion Test</i>							
6. Aggressive-hostile	.06	.00	.09	-.03	.00		
7. Acceptance	.36***	.25*	.15	.12	.20	-.44	
8. Anxiety	-.30**	-.31**	-.24*	-.20	-.35***	.02	-.48***

*** $p < .001$.

** $p < .01$.

* $p < .05$.

Aggressive-Hostile score appears to have little relationship with the scales on the Bell. The intercorrelations among the three scales of the SCT are also in the expected direction. The Aggressive-Hostile and the Anxiety scales appear to be relatively independent of each other, but each is correlated negatively with the Acceptance scales.

C. RESULTS

The comparison of mean scores of over- and underachievers, as shown in Table 2, lends no support to the hypothesis and, in fact, suggests that the reverse of the hypothesis may be more tenable. Overachievers have lower mean scores (signifying a greater number of problems of adjustment) on all scales of the Bell Adjustment Inventory, and the differences between the mean scores of the Health Adjustment, Emotional Adjustment, and the total are significant at the five per cent level of confidence. Furthermore, overachievers

score higher than underachievers on the Aggressive-Hostile and Anxiety scales of the SCT and lower on the Acceptance scale, although the differences do not approach the same level of confidence.

An analysis of the responses made by over- and underachievers by sex shows that overachieving girls have more problems of adjustment than do overachieving boys. On 58 per cent of the items on the Bell, overachieving boys have poorer responses than underachieving boys; whereas on 75 per cent of the items overachieving girls have poorer responses than underachieving girls. On the items that discriminate between over- and underachievers of each sex at the 10 per cent level, overachieving boys have poorer responses than do

TABLE 2
DIFFERENCES BETWEEN OVERACHIEVERS AND UNDERACHIEVERS ON THE ADJUSTMENT INVENTORY AND A SENTENCE-COMPLETION TEST

Scale	Overachievers	Underachievers	Difference
<i>The Adjustment Inventory</i>			
Home adjustment	15.38	17.20	1.82
Health adjustment	18.36	22.36	4.00*
Social adjustment	10.12	11.78	1.66
Emotional adjustment	13.00	18.08	5.08*
Total adjustment	57.35	68.70	11.35*
<i>Sentence-Completion Test</i>			
Aggressive-hostile	8.50	7.07	1.43
Acceptance	41.40	46.55	5.15
Anxiety	15.76	14.20	1.56

* $p < .05$.

underachieving boys on only nine out of 20 items, whereas overachieving girls have poorer responses than do underachieving girls on 14 out of 16 items. The area of greatest difficulty for members of both sexes, with reference to items discriminating at the 10 per cent level or better, is that of Health Adjustment, with psychosomatic problems (respiratory ailments, digestive upsets, and the like) predominating.

D. DISCUSSION

Because the sample used in this study is limited to two classes of students in a single school, the results reported cannot of course be generalized to other Brazilian school children. Nevertheless, results that are the direct opposite of the findings of studies conducted elsewhere deserve some kind of explanation.

One interpretation is that the overachievers had fewer problems than the underachievers, but were more honest in reporting them. To some extent this possibility is contradicted by the moderate but significant correla-

tions between scores on the Bell and scores on parts of the SCT which, as a projective test, might be expected to be less affected by faking.

Another interpretation is that the overachievers have more problems than the underachievers, but they are the kind of problem that does not interfere with school achievement and may encourage achievement or stem from superior achievement. To some degree, such an interpretation is consistent with the findings of Sheldon and Eleanor Glueck (4). They found that a sample of 500 nondelinquents tended to report more emotional problems than a matched sample of delinquents. Inasmuch as the nondelinquents in the Gluecks' study were making better progress in school than the delinquents, one would assume that an analysis of their data would show a positive correlation between the number of emotional problems reported and school success. A further resemblance between their study and the present one is the fact that the populations from which the samples were drawn were in the low socioeconomic category.

Still another and possibly related interpretation is that (perhaps) in Brazil school success does not occupy as central a position as it does in the United States. For North American children, adjustment to school and its problems is a "key" adjustment. The child who succeeds in school is functioning more consistently with respect to the values and expectations of his culture than the child who does poorly; hence in the United States the relationship between emotional problems and school success tends to be a reciprocal one. The child who has problems in school tends to have other problems as well, and problems that occur outside of school create or aggravate problems in the classroom. The authors' observations suggest the possibility that in Brazil there may be a cultural norm, probably more characteristic of lower-class children, that is characterized by attitudes of agreeableness (acceptance), low levels of hostility and anxiety, and the lack of an aggressive drive to achieve and compete academically. If these observations are valid it follows that the lower-class child who strives academically and is competitive (*a*) deviates from well-established norms and (*b*) is likely to experience internal and external disturbances of a psychological nature: that is, he is likely to have more anxieties and to experience poorer relations with his peers than does the child who conforms to the norm.

This hypothesis rests, of course, on a slender base: the results of a study conducted in two classes in one Brazilian school. However, if further research supports the hypothesis, it may have important implications for those who plan educational programs in underdeveloped countries. One of these implications is this: It is not safe to assume that the expansion of the educational

program will be accompanied by a corresponding increase in school attendance and in educational achievement. The fact that people are eager to possess the advantages that accrue to members of more developed societies should not be taken to mean that they wish to pay, or are aware that they must pay, the price for such advantages: a price that is measured in terms of more years of school and of more intense study. Even the eagerness to pay this price must be accompanied by a willingness to develop an entire new set of attitudes and values oriented toward self-improvement through education.

The results presented in this study, tenuous though they may be, suggest a need to be cautious about translating to other cultures concepts that are fundamental to the interpretation of human behavior in North American contexts. In North America, it is a fairly good operating principle to assume that low achievers generally have more problems of emotional and social adjustment than do achievers; and the success of counseling programs and school mental-health programs is based in part on the validity of that assumption (11, 16). But the results of this study suggest that such an assumption may not be valid in Brazilian schools. Indeed, the results suggest that attempts to promote higher levels of school achievement on the part of Brazilian school children, at least among the lower socioeconomic groups, may result in an *increase* in the number of in the extent of emotional problems. This does not mean that attempts to raise the educational level of these groups should be abandoned on that account, but it does mean that those who attempt to extend the years of school attendance and to improve educational achievement should be alerted to the possibility of an increased number of mental-health problems and should be prepared to cope with them.

E. SUMMARY

A Portuguese version of Bell's Adjustment Inventory and a 30-item sentence-completion test were used to measure the problems of adjustments of 16 over-achievers and 14 underachievers in two fourth-year elementary classes in São Paulo, Brazil. Contrary to an hypothesis that had been based on studies of North American school children, overachievers tend to report significantly more problems of adjustment than do underachievers, particularly in the Health Adjustment and in the Emotional Adjustment areas of the Bell Inventory. This difference between over- and underachievers is more marked for girls than it is for boys. It is suggested that cultural differences may explain the unexpected results, and that such differences should be taken into account by those who plan expanded educational programs for underdeveloped countries.

REFERENCES

1. ARMSTRONG, R. D. Reading success and personal growth. *Reading Teach.*, 1958, **126**, 19-23.
2. EASTON, J. Some personality traits of underachieving and achieving high school students of superior ability. *Bull. Maritime Psychol. Assoc.*, 1959, **8**, 34-39.
3. FLIEGLER, L. A. Understanding the underachieving gifted child. *Psychol. Rep.*, 1957, **3**, 533-536.
4. GLUECK, S., & GLUECK, E. Unravelling Juvenile Delinquency. New York: Commonwealth Fund, 1950.
5. HORNEY, K. *Our Inner Conflicts*. New York: Norton, 1945.
6. KITANO, H. J. L. Refusals and illegibilities in the spelling errors of maladjusted children. *J. Educ. Psychol.*, 1959, **50**, 129-131.
7. LINDGREN, H. C., & GUEDES, H. DE A. Social status, intelligence, and educational achievement among elementary and secondary students in São Paulo, Brazil. *J. Soc. Psychol.*, 1963, **60**, 9-14.
8. LINDGREN, H. C., & LINDGREN, F. Expressed attitudes of American and Canadian teachers toward authority. *Psychol. Rep.*, 1960, **7**, 51-54.
9. MORROW, W. R., & WILSON, R. C. Family relationships of bright high-achieving and underachieving high school boys. *Child Devel.*, 1961, **32**, 501-510.
10. RICHARDSON, H. M., & SURKO, E. F. WISC scores and status in reading and arithmetic of delinquent children. *J. Genet. Psychol.*, 1956, **89**, 251-262.
11. ROTHNEY, J. W. M. *Guidance Practices and Results*. New York: Harper, 1958.
12. SALZINGER, K. Academic achievement in a group of mentally disturbed adolescents in a residential treatment setting. *J. Genet. Psychol.*, 1957, **90**, 239-253.
13. SEMLER, I. J. Relationships among several measures of pupil adjustment. *J. Educ. Psychol.*, 1960, **51**, 60-64.
14. SHAW, M. C., EDSON, K., & BELL, H. M. The self-concept of bright underachieving high school students as revealed by an adjective check list. *Person. Guid. J.*, 1960, **39**, 193-196.
15. SHAW, M. C., & GRUBB, J. Hostility and able high school under-achievers. *J. Couns. Psychol.*, 1958, **5**, 263-266.
16. TRIONE, V. One hundred eighty cases: A follow-up by a rural school psychologist. *Calif. J. Educ. Res.*, 1958, **9**, 86-90.

1975 Fifteenth Avenue
San Francisco 16, California